

*E agora. Senhoras e senhores. Vou passar a apresentar os jogadores que conseguiram chegar a este excepcional encontro. Que conseguiram chegar aqui. Completamente inteiros. A esta grande final. Para mais uma — que se espera — inesquecível e dura batalha. Dois jogadores que sobreviveram às lutas constantes e às vicissitudes tão próprias deste microcosmo onde é sempre noite.*

*Dele dizem que é o maior talento que Esposende já produziu, que tem o killer instinct dos grandes predadores, que sempre que lhe cheira a sangue corre atrás. Ele é Alexandre, o Grande.*

*E o seu adversário desta noite. O segundo melhor jogador da praia de Quiaios, que desde muito pequeno sabe onde acertar, ele não é o encantador de dragões, ele não é o libertador de escravos, ele não é*

*o rei dos lombardos, muito menos um gelado da Olá,  
ele é um revólver de alto calibre, ele é Carlos Mag-  
num.*

*Primeiro frame. Alexandre, o Grande, vai abrir.*

## Alexandre, o Grande

Olhem para ele. Um metro e oitenta e um. Sessenta e cinco quilos. Um taco feito de madeira de freixo. Um ótimo taco. Feito à medida do seu braço. Feito por encomenda. Um freixo foi abaixo e toma lá: aqui tens um taco. A extensão do teu braço. Deve ter custado uma fortuna. Deve ter custado ui. E agora anda para lá e para cá, à volta da mesa, com o seu metro e oitenta e um e os seus sessenta e cinco quilos. E o seu taco de freixo. Olhem para ele. Aqui não há desleixo. Desloca-se com elegância. Vestido como um *croupier* de casino. Movimenta-se à volta da mesa na tentativa de embolsar bolas coloridas. Observa os ângulos. Trabalha mentalmente. Organiza a geometria. E com a geometria e o conhecimento das tabelas desenha a possível trajetória da bola branca. Escolhe a melhor jogada possível. É sempre o mais difícil.

Não, não, não. Não é fácil. Nunca é. Escolher. Decidir. Fazer a escolha. Executar. É muito difícil. Qual a melhor escapatória possível de entre as possibilidades ao nosso dispor? Quais as probabilidades de conseguir concretizar com êxito a trajetória premeditada. Ângulos. Geometria. Fuga. Pensamentos. Não é fácil. Nunca é. Porque não consegues controlar todos os elementos. Não consegues controlar todos os pensamentos. Não consegues, não é? Porque há sempre um caos. Uma nuvem pendente. Um caos à espreita do osso. Da falha. Do erro. Do rasgo. Um caos que nos observa como um predador esfaimado de olhos vermelhos. À espera do que sobra da colisão da imperfeição.

Observo o meu adversário. Analiso todos os gestos. Movimentos. Esgares. Observo-o com a minha face inexpressiva. Não posso dar a cara a torcer. Exibir o que se passa no reino do coração. Levantar a persiana do desabamento emocional. Começar a transpirar. Isso é que não. Muito menos permitir que o sangue suba. Que ele venha por aí acima para me pôr raios nos olhos. Faço pressão com os dedos dos pés. Assim. Amarrá-lo lá em baixo. Junto às solas dos sapatos. Amarrar o sangue lá em baixo é o segredo. Junto às solas dos sapatos. Ele também sabe o que é necessário

saber. O meu adversário. Também já aprendeu a pensar a sangue-frio. A pôr gelo nas emoções, tal como os atletas de alto rendimento mergulham os músculos em água gelada por causa das dores provocadas pelo ácido láctico.

Ele sabe que é observado. Que é medido. Que é analisado. Que é escrutinado até à tiroide. Entretanto, parou. Parou de dar voltas à mesa. Já decidiu. Parou porque já decidiu. Tira do bolso das calças o giz. Reparem. Passa o giz na ponta do taco sem tirar os olhos da mesa. Das bolas de resina fenólica que aguentam até cinco toneladas de pressão. Cinco toneladas de pressão naquelas bolas. Caramba. Como é que eu. Como é que nós. Por mais força que fizesse. Por mais força. Quer dizer. Cinco toneladas são cinco toneladas. É como uma ou duas patas de elefante em cima. É o peso de uma orca.

Reparem. Não tira os olhos da mesa. Visualiza na cabeça o desenho da jogada escolhida. A geometria calculada. Passa o giz na ponta do taco como se passa o batom do cieiro nos lábios gretados sem o auxílio de um espelho. É um gesto mecânico. Não olha para o giz. Não olha para o taco de freixo que é a extensão da alma. Não olha para a mão que devolve o giz ao bolso das calças. Olha apenas para a mesa. Vertical. Ereto.